

Sabedoria e transcendência: uma proposta às inquietações do homem contemporâneo

RESUMO

O presente texto tem por objetivo tratar da problemática da sabedoria que parece ter sido esquecida no mundo contemporâneo dado mais ao pragmatismo que a reflexão, privilegiando mais o saber tecnocientífico do que o pensamento crítico e reflexivo. A sabedoria consiste na busca incansável do saber, não apenas na dimensão epistemológica, mas de um saber que sirva para a vida, que ofereça o guia, os critérios e os fundamentos para um agir pertinente, capaz de realizar plenamente a existência humana. A racionalidade moderna procurou encontrar tal resposta no individualismo e na razão tecnocientífica perdendo de vista a questão da sabedoria, do saber significativo para a vida.

Palavras-chaves: Sabedoria; transcendência; ética.

ABSTRACT

This work is purported to address issues related to the fact that the contemporary world adopted a more pragmatic and techno-scientific world view disregarding reflection and critical thinking. Therefore, the views currently prevailing shy away from wisdom understood as a restless search for a type of knowledge that offers grounds to guide human actions in a way that favors the flourishing of human existence. It will be argued that the modernity distanced itself from wisdom by associating an individualistic perspective with a scientific approach divorced from the preoccupation with the meaning of life.

Keywords: Wisdom; transcendence; ethic.

* Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Professor da Faculdade Católica de Feira de Santana. E-mail: jotaeudes@gmail.com

Introdução

O presente texto tem por objetivo tratar da problemática da sabedoria que parece ter sido esquecida no mundo contemporâneo dado mais ao pragmatismo que a reflexão, privilegiando mais o saber tecnocientífico do que o pensamento crítico e reflexivo. A sabedoria consiste na busca incansável do saber, não apenas na dimensão epistemológica, mas de um saber que sirva para a vida, que ofereça o guia, os critérios e os fundamentos para um agir pertinente, capaz de realizar plenamente a existência humana. A racionalidade moderna procurou encontrar tal resposta no individualismo e na razão tecnocientífica perdendo de vista a questão da sabedoria, do saber significativo para a vida.

Os valores na contemporaneidade passaram a ser aqueles que correspondem às expectativas da satisfação dos indivíduos e que traga resultados práticos, excluindo todo e qualquer saber que não se enquadrasse em tal esquema paradigmático, mas o resultado de tal empreendimento não foi dos melhores para o homem contemporâneo, uma vez que, tendo como referência apenas a si mesmo, depara-se com o vazio de sentido. Esta seria a causa dos males que aflige o homem contemporâneo, cuja saída se faz possível mediante o retorno à sabedoria, não como um dogma a ser seguido, mas como uma postura diante do mundo capaz de ressignificar a própria existência.

O retorno à sabedoria não significa um retorno ao passado desconsiderando tudo o que foi conquistado na modernidade, mas se caracteriza como um repensar acerca do que foi conquistado até os nossos dias a partir de uma saber aberto, crítico, reflexivo, não reducionista, que seja capaz de integrar as dimensões de imanência e transcendência constitutivas do ser humano.

Este texto não pretende ser uma novidade referente à questão proposta em termos de apresentação de novas ideias. Trata-se de apresentação de alguns pontos de reflexão sobre o assunto. O mesmo foi elaborado tendo como referências vários autores antigos e contemporâneos, mas a inspiração principal para escrevê-lo nos veio do filósofo contemporâneo Paul Gilbert, professor da Pontificia Università Gregoriana em Roma, autor de vários artigos e livros na área da Metafísica cujo ensinamento nos indica que o verdadeiro conhecimento acerca da realidade se faz não de modo fechado ou dogmático, mas sempre aberto à realidade que se doa, que não se reduz a uma única dimensão, nem se deixa apropriar totalmente pela razão, nem se expressa plenamente pela linguagem humana.

O caminho da sabedoria

Aristóteles, na sua emblemática frase: “Todo homem deseja, naturalmente, saber”, resume o mais profundo desejo do coração e da razão humana. Não se trata de um saber qualquer, mas de um saber certo e seguro que possa, efetivamente, ajudá-lo a sobreviver, enfrentar os obstáculos do mundo, na realização de si mesmo enquanto ser humano.

Desde os primórdios de sua existência o homem tem enfrentado a hostilidade do mundo e tentado vencer os obstáculos que se apresentam à sua frente, procurando resolver os enigmas e mistérios que envolvem sua existência. O ato de conhecer está ligado à vida, confunde-se com o próprio impulso de vida e foi a partir deste embate em busca de estratégia para manter-se em vida que o ser humano destacou-se entre os outros seres como um ser racional, dotado de consciência, capaz não apenas de sobreviver, mas de pensar sobre si mesmo, de refletir e tomar posse do próprio destino (SEVERINO, 2007, p. 19-32). Conhecer, em tal contexto, não é apenas uma questão vital, mas também de significado existencial.

O conhecimento, ao tempo em que se faz imprescindível para sobrevivência e a realização humana, se faz também problemático diante dos desafios e obstáculos posto pelo mundo na vida, bem como pela consciência dos seus limites e incapacidade de dominar o mundo. Conhecer se faz um processo contínuo, uma busca contínua de respostas. A procura de respostas para os problemas que desafiam a vida humana em plenitude tem sido uma constante na história da humanidade, trata-se de uma busca acerca do “melhor modo de viver a vida, salvaguardando-a dos perigos e da destruição, defendendo contra os erros e as degradações, contra todo tipo de ilusão e engano, tornando-a plena e feliz.” (ABBAGNANO, 2002, p.5).

Foi na batalha pela sobrevivência que o homem foi desenvolvendo e aprimorando o conhecimento de si e do mundo que o cerca. Inicialmente ligado ao instinto, impondo-se como estratégia de vida, de sobrevivência, e depois autonomizando-se pela consciência. A partir da tomada de consciência acerca do próprio conhecimento observa-se que não se trata mais de um conhecimento voltado para a imanência, mas de um conhecimento que aos poucos vai transcendendo as necessidades materiais de sobrevivência. É a partir daqui que os problemas humanos começam a ser outros além de sobrevivência.

Conhecer passa a ser o dar-se conta de si mesmo, dar-se conta da própria subjetividade enquanto subjetividade, bem como os problemas dela decorrentes. O homem começa a se perguntar sobre si mesmo, sobre a razão de seu existir, sobre sua finitude, sobre suas escolhas e sobre o melhor modo de agir no mundo, não somente para sobreviver, mas para viver plenamente e alcançar a felicidade.

A constatação que decorre da evolução, da expansão da consciência humana, é a de que o homem é um animal como os outros no que se refere à sobrevivência material, biológica, mas se distingue dos outros animais pelo seu modo de agir no mundo. O homem é um ser racional, não age apenas pelo instinto, é capaz de pensar para agir e ter consciência do seu próprio conhecimento, sobre sua própria ação e escolhas, tendo como guia a razão. O homem percebe-se livre para escolher o seu modo de ser, inteligente para compreender e avaliar as consequências de seus atos. Neste sentido, faz-se necessária a recorrência de um saber especial, indispensável não só à sobrevivência humana, mas à sua plena realização: a sabedoria (ABBAGNANO, 2002, p. 5-6).

A sabedoria não se refere apenas ao acúmulo de conhecimentos, de informações, de técnicas ou ao domínio de habilidades, mas a como usar tudo isso em função da vida plena no aspecto material e espiritual. A sabedoria consiste em

buscar, saber escolher e tomar as decisões a partir do conhecimento acumulado acerca do que é realmente bom. Consiste em saber discernir, com a razão e com a moral, agir com prudência, sensatez, pois qualquer escolha errada pode significar não somente a perda da vida biológica, mas também a perda do sentido da vida.

A sabedoria é o guia da ação humana baseada na razão, em vista da felicidade humana. Encontrar respostas para suas interrogações é o desejo mais profundo do homem que se questiona sobre o sentido último de sua existência. Tal busca é o que, propriamente, caracteriza a sabedoria. De acordo com Gilbert:

O ato de conhecer, portanto, não é apenas um ato sensato, físico, mas também e acima de tudo um ato 'erótico' que tende para uma inteligência transcendente. O dinamismo da busca também é caracterizado pelo modo de amizade expressa por verbo *filein*. Este modo confere ao componente erótico, também presente no significado de *filein*, um valor de confiança, portanto, "um movimento em direção" ao confiante. No entanto, os "eros" significa que a filosofia não é um conhecimento que pode ser aprendido e repetido apenas na memória. Trata-se de um movimento espiritual em que temos de nos encaminhar sem parar. (GILBERT, 2010, p. 16).

A sabedoria, em um sentido geral, seria uma forma de conhecimento excelente que conduziria a um modo de viver, de agir e de comportar-se de maneira excelente, uma vez que estaria de acordo com princípios morais elevados. A sabedoria se caracteriza, portanto, como uma virtude intelectual; depende do saber usar bem a razão para agir bem, mas pensar seguramente: a partir de que? Qual deveria ser o fundamento? Como não errar na escolha? A escolha acertada precisa de um ponto seguro? Precisa de um fundamento? Como sabê-lo? Como e onde encontrá-lo?

Os primeiros filósofos, na Grécia Antiga, encontraram no cosmos e na natureza a ideia de ordem que serviria de principio, fundamento e guia para a ação humana. O homem sábio é aquele que busca viver de acordo com a *logos*¹ e que não se deixa levar por vãs opiniões. Heráclito, por exemplo, afirmava que a natureza possuía uma harmonia oculta, a partir da qual o homem poderia encontrar as referências seguras para conduzir a própria vida. Ser sábio é ser virtuoso e a sabedoria consistiria em falar e aplicar a verdade e agir de acordo à natureza das coisas (VERNEAUX, 1982, p. 7-12).

Platão entende a sabedoria na perspectiva intelectualista. Trata-se de um conhecimento contemplativo do bem supremo (sumo bem), um conhecimento racional e equilibrado capaz de distinguir entre o bem e o mal, o lícito e o ilícito, o útil e o prejudicial. Em última análise, a sabedoria seria uma perfeição espiritual relacionada a um comportamento prático e ao agir moral, visando o bem supremo. A sabedoria consiste em ver a causa primeira de todas, o sumo bem. O sábio é aquele que contemplar as coisas como elas são, sem querer se apoderar-se delas (PLATÃO, 1991).

¹ O *Logos* é entendido como "razão comum a todas as coisas; razão ou principio cósmico que expressa tanto a lei universal que rege o mundo e torna possível a ordem no cosmos e a justiça como expressa também o próprio pensamento humano" (MORATÓ; RIU, 1996).

Aristóteles faz a distinção entre duas concepções de sabedoria. A primeira seria a sapiência (*sofia*), refere-se a um saber teórico que tem valor em si mesmo, a um conhecimento pleno dos primeiros princípios, das causas supremas, trata-se de um saber desinteressado. A segunda concepção refere-se a um saber prático (*Phrónesis*) relacionado à concretude da vida humana, de menor valor, voltado para a prática e ao agir moral.

O saber prático, denominado como prudência por Aristóteles, faz referência à capacidade de alguém em “discernir o que bom e conveniente para si mesma, não de um ponto de vista particular, [...] e sim acerca das coisas que nos levam a viver o bem de um modo geral.” (ARISTÓTELES, EN, VI 5). A sabedoria prática (*Phrónesis*) deve deixar-se iluminar pela sabedoria teórica (*sofia*), um processo que somente ocorre mediante assunção de uma atitude reflexiva por parte do homem (GILBERT, 2010, p.18). A realização plena do homem seria decorrente de uma atividade prática da razão, característica própria do ser humano enquanto humano, pois somente este é capaz de refletir sobre si mesmo, e suas ações e fazer suas escolhas decisivas. Toda ação humana está em função de um fim, e o fim é o bem que se deseja conseguir; o bem último aquele que se quer por si mesmo e em vista do qual se faz todo, é também o fim último que todos desejam: “tal parece ser eminentemente a felicidade.” (ARISTÓTELES, EN, 1097b). A felicidade é “uma atividade da alma.” (ARISTÓTELES, EN, 1102A5).

Para a filosofia helenista, especialmente o Estoicismo, à semelhança de Aristóteles, a sabedoria estaria ligada a ética, assumindo assim um caráter prático, identificando-se com a prudência. A sabedoria seria forma de saber racional capaz de guiar a ação humana, orientando-a em vista do bem, da felicidade, portanto um saber atrelado ao agir na vida do homem.

Ainda de acordo com o Estoicismo, a sabedoria faz do homem um ser especial entre os outros seres. Sábio é o homem que está livre das paixões, que orienta sua vida somente pela razão, que realiza com perfeição a arte de viver, pois a sabedoria faz do homem um ser especial. O homem sábio é aquele que conhece a ordem imutável do mundo, organizado pelo *logos* universal, e aceita o destino que lhe é posto por este. O *logos*, na perspectiva estoicista, é o responsável pela regularidade e harmonia de todas as coisas, que personifica a própria justiça divina capaz de orientar as relações sociais e a vida interior de cada homem (HAMELIN, 2000).

Na Idade Média, especialmente no período da Escolástica, a concepção de sabedoria aristotélica é retomada por Tomás de Aquino, para o qual esta seria uma virtude especulativa, um dom de Deus, um saber que o homem recebe através da graça e que o permite conhecer a verdade através da fé (*Suma Teologica*, Ia IIae, q. 68, a.4-5). O ser humano se orienta pela ideia de bem e de felicidade, procura um bem infinitamente perfeito, possível de ser alcançado pela razão humana. Aqui, diferente de Aristóteles, o doutor angélico se refere diretamente a Deus. A felicidade encontra-se no interior de cada homem, e não no seu exterior. Quem deseja encontrar a felicidade deve voltar-se para si mesmo, onde vai encontrar Deus, que, uma vez conhecido ou experimentado pelo homem. Este deve conformar-se à sua vontade, às suas leis. De acordo com Tomás de Aquino, “o prin-

cípio primeiro no operativo, do que existe como razão prática, é o fim último. Mas o fim último da vida humana é a felicidade ou a beatitude.” (Suma Teologica, II, 1, p. 90). Assim, a perfeição, a beatitude e a felicidade são coincidentes, pois em todas estas o bem supremo, o fim último perseguido pelo homem.

Na Idade Moderna, a sabedoria ainda é exaltada como o conhecimento pleno e perfeito, à semelhança do que era apregoado pelo aristotelismo. É o que podemos ver, por exemplo, em Descartes, para o qual a sabedoria não se restringia apenas “a prudência nos negócios, mas também a um perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem deve saber, tanto para a conduta de sua vida quanto para a conservação de sua saúde e a invenção de todas as artes.” (DESCARTES, 2003, p. 15).

A concepção de sabedoria em Descartes foi compartilhada por outros filósofos modernos, a exemplo de Leibniz, Montaigne e outros, mas o mundo moderno, marcadamente, caracterizado pelo antropocentrismo, que aos poucos foi deixando de tal perspectiva sapiencial, buscando os princípios, os fundamentos e os critérios para o bom agir, não fora do homem nem fora deste mundo, mas a partir do próprio homem, na subjetividade e na sua capacidade de operar a razão (LEOPOLDO, 1998).

De acordo com o pensamento moderno, o guia da ação e da conduta humana encontra-se na imanência e não na transcendência, numa outra vida, na alma ou num outro mundo, mas na realidade concreta do ser humano, na matéria, e no mundo concreto em que vivemos. O critério da ação, portanto, encontra-se no próprio sujeito humano, no exercício pleno da sua individualidade e liberdade, a partir das quais torna-se autônomo e responsável por suas escolhas, atos e felicidade.

No mundo moderno, o saber científico passa a ser o único critério de verdade garantido pelo seu método. A partir de então só é possível conhecer aquilo que pode ser observado, mensurado e verificado empiricamente, excluindo assim, todo e qualquer mistério que pudesse existir por trás do mundo. De acordo com Gilbert (2003, p. 79), “O universo assim livre de cada mistério pode, portanto, ser manipulado, submetido ao homem e aos seus desejos, do qual não se reconhecerá mais um fim *a priori* ou teologicamente determinado”.

Deste ponto em diante, tendo como suporte os valores do individualismo e a racionalidade tecnocientífica, a sabedoria moderna passa a se orientar não mais a partir de princípios primeiros, de causas supremas ou de algum bem metafísico, para explicar as coisas do mundo e orientar suas escolhas e decisões. A sabedoria moderna se tornou uma prática científica, com um método próprio, capaz de conhecer plenamente aquilo que pretende conhecer e que pode ser corroborado pela verificação empírica. Os princípios primeiros assimilados pelos antigos e medievais não oferecem mais segurança, por carecerem de critérios racionais fortes e de verificabilidade empírica que os corrobore (GILBERT, 2010, p. 19). A sabedoria moderna não é mais a busca de princípios supremos, mas um modo de pensar que coloca em evidencia um método seguro de conhecer a verdade: o método científico.

A perda da sabedoria

Na modernidade não existe uma real sabedoria, mas um método de conhecimento seguro, não há causas supremas, princípios primeiros que possam guiar o homem nas suas escolhas e ações (GILBERT, 2010, p. 20). O fundamento do saber e o critério de verdade passam a ser o dado concreto que pode ser calculado, mensurado e verificado empiricamente. Este modo de pensar operou com eficácia no conhecimento da matéria e no domínio da natureza, passando a ser aceito como o único critério de conhecimento válido, dado o sucesso de sua aplicação prática e dos resultados satisfatórios obtidos, trazendo soluções jamais pensadas para os problemas enfrentados pelo homem. A razão, então, passa a ser validada pela sua eficácia, pela capacidade de produzir resultados (GILBERT, 2003, p. 81).

A expansão do capitalismo, a ascensão da classe burguesa, a Revolução industrial, os resultados satisfatórios obtidos pela aplicação do método científico e da técnica possibilitaram o desenvolvimento da ciência e suas descobertas. Tudo isso afirmou a crença no poder da razão, na capacidade de conhecer com segurança e certeza, capaz de desvendar os mistérios que rondam a existência humana, oportunizando os meios de realização da condição humana. Em tal contexto, há também o reforço dos valores do individualismo, que também passa a ser guia e referência das ações e decisões humanas.

O homem moderno acredita que pode controlar o mundo e a natureza em função da sua realização, tanto à nível individual quanto coletivo. Este é um modo de pensar que se firmou em detrimento às outras formas de saberes, como a Filosofia e a Teologia. O único saber válido é o que pode ser submetido ao método científico e à verificabilidade empírica. Em tal contexto, operou-se uma profunda rejeição de todo e qualquer dado *a priori* a fundamentar o conhecimento. Não há nenhum fundamento transcendente a conduzir a ação humana. De acordo Gilbert (1997, p. 43):

O princípio universal não é mais dado, o cientista deve elaborá-lo a partir de si mesmo, cuja segurança encontra-se no seu poder de criação de sentido e nos fatos [...] A razão moderna não recebe mais as normas de uma substância dada. Essa conhece verificando as suas hipóteses, interpretando o que encontra e criando mundos novos. Essa é essencialmente projetual. E seus paradigmas desenvolvem um papel operativo.

O saber científico a partir da modernidade não objetiva mais a reflexão ou a contemplação, como acontecia na antiguidade, este se firma a partir dos resultados práticos e satisfatório que pode obter. O saber científico passa a ser referência guiadora da realização humana, operando com um verdadeiro criador de sentido (GILBERT, 1997, p. 43).

A ciência moderna inverteu o que orientava o saber na antiguidade, não é mais um saber que medita sobre a origem, que contempla, que medita, que reflete, mas um saber que projeta o advir e que tem o controle. “A ciência moderna acentua o interesse pelo futuro a ser edificado, esquecendo-se do passado e de seus princípios fundadores.” (GILBERT, 1997, p. 29).

Os avanços científicos e técnicos, acompanhados do progresso da industrialização, da urbanização e da racionalidade, contribuíram para uma sensação de bem estar para inúmeras pessoas. A maioria das pessoas passou a ter acesso a uma grande quantidade e farta disponibilidade de bens imprescindíveis para a vida humana, conferindo ao homem certa liberdade para pensar e agir, diferente do que ocorreu em outras épocas na história da humanidade. A sociedade conseguiu produzir e reproduzir os meios eficazes, em vista do seu bem estar, em vários níveis de sua existência e até mesmo os meios para enfrentar com coragem seu maior inimigo: a morte, podendo ficar livre para prosseguir em suas tarefas sem emoções nem obstáculos (ARIÉS, 1982).

Assegurada a segurança material, ampliadas as condições de desenvolvimento, com a vida individual e coletiva organizada e protegida pelo Estado e pelo direito, as preocupações existenciais foram aos poucos reduzidas, na medida em que conseguiam enfrentar com êxito os obstáculos e dificuldades da vida. As questões acerca do sentido existencial, as grandes perguntas inquietantes da humanidade foram sendo aos poucos silenciadas, afinal, qual é a ameaça a ser enfrentada se tudo o que antes amedrontava, assustava e espantava está sobre controle do homem?

O saber científico aplicado às diversas áreas do saber, o domínio técnica colocou o homem contemporâneo no centro dos interesses e das atenções, uma espécie de “deus menor”, capaz de dominar o mundo e seus mistérios, possuidor do máximo de direitos, concretizando o que já nos dizia Protágoras no passado: “o homem é a medida de todas as coisas.” (CASTELS, 1995).

O saber científico tomado ao extremo e impondo seu privilégio sobre os demais saberes terminou operando uma visão fragmentada e compartimentada sobre o mundo, sobre o homem e sobre seu destino (MORIN, 2003, p. 64). A afirmação do saber científico sobre os outros saberes resultou na perda da reflexão, na perda do contato com a vida humana na sua concretude. De acordo com Fortin:

Quando o mundo, a vida, o homem perdem o significado, torna-se absurdo e impossível levantar o problema do sentido ou destino do homem na existência e no mundo, alguns especialistas estão mesmo convencidos de que esse problema deriva de atraso mental. Torna-se absurdo e impossível ligar um objeto dividido em parcelas e um saber unidimensionalizado, derivado de um conhecimento disciplinar, aos problemas concretos e globais de conduta humana. (FORTIN, 2000, p. 140).

A sabedoria foi aos poucos abandonada, dando lugar aos saberes das diversas ciências, cada vez mais especializado, capaz de responder às grandes questões e preocupações humanas, capaz de superar o medo do desconhecido de, desvendar os mistérios e dominar a natureza ao seu favor. A sensação de poder e domínio por meio do conhecimento parecem fazer do homem um ser forte e poderoso distinguindo-se dos outros seres, contudo, ao mesmo tempo se mostra frágil, pois o seu poder depende cada vez da ciência e da técnica que aos poucos foi se apresentando ainda mais limitada em responder às muitas questões que o mundo ainda propõe.

O mundo ocidental inventou um modelo prometeico de domínio, de conquista da natureza, que exclui toda e qualquer ideia de sabedoria e tal exclusão tem conduzido o homem a perda de si, à alienação à racionalidade tecnocientífica e o seu domínio pelo resultado do que foi produzido pelo seu próprio saber² e ao invés de servir-se das ideias que produziu, passou a ser seu servidor (MORIN, 2003, p. 307). Em tal contexto, o discernimento entre racionalidade, racionalização e irracionalidade torna-se difícil. "Torna-se difícil o reconhecimento do "mito oculto sob etiqueta da ciência e da razão." (MORIN, 2000, p. 30).

Consequências da perda da sabedoria

De acordo com Reale (1995, p. 7):

A cultura contemporânea perdeu o sentido daqueles grandes valores que, na era antiga e medieval e também nos primeiros séculos da era moderna, constituíam pontos de referência essenciais, e em ampla medida irrenunciáveis, no pensamento e na vida.

A perda de tais referenciais se constitui como a raiz dos males que afligem o homem de hoje é que foi profetizado por Nietzsche que se expressa com o termo niilismo. O niilismo se caracteriza como a "ausência de fim; ausência da resposta ao por que? Se caracteriza como a desvalorização dos valores supremos: Deus, fim último, o ser, o bem, a verdade. Tais valores fundamentais à vida foram dissolvidos sem nenhum remédio que possa cura-los. Para Nietzsche a frase "Deus está morto" seria a essência do niilismo (REALE, 1995, p. 11-14).

A perda dos valores fundamentais à vida colocam o homem contemporâneo numa situação de crise de sentido, entendida por Gilbert (2003, p. 28) como a crise de inteligibilidade e de orientação. A crise de inteligibilidade se mostra quando o saber científico cada vez mais especializado, entende muito da parte da realidade, mas é incapaz de integrar os saberes dissociados numa síntese; consequentemente, temos uma saber fragmentado, uma inteligibilidade limitada da realidade, a perda do sentido, já que não compreendemos as partes integradas ao todo. A crise de inteligibilidade gera a crise de orientação, pois o saber científico se torna incapaz de fornecer sentido, incapaz de indicar um caminho, uma vez que a vida e a existência humana não se deixam reduzir ao discurso científico. A vida, na sua concretude, escapa ao poder do saber científico, por isso não pode dizer muita sobre a mesma, não serve como guia confiável (GILBERT, 2003, p. 23-38).

² O termo Noosfera é um termo usado por Edgar Morin inspirado nos trabalhos desenvolvidos por Theilhard de Chardin e Karl Popper, se refere ao "mundo constituído pelas coisas do espírito" que compreende os saberes, as crenças, os mitos, as lendas, e as ideias que criamos em nossa mente que podem se converter em seres existenciais ganhando vida e força quase própria. E aquilo que é produto do nosso espírito podem se tornar tão forte e independente de nós mesmos que pode nos dominar, nos tornar servidores daquilo que criamos. Podemos nos tornar "servidores das ideias que nos servem", observando que assim como somos possuídos pelos deuses que possuímos, podemos também ser possuídos pelas ideias que possuímos (MORIN, 2003, p. 134; 147-148).

A partir do exposto acima Gilbert (2003, p. 39) afirma:

A questão que nos é colocada hoje é a de saber se é possível alcançar uma inteligibilidade acerca do fim das nossas escolhas mais fundamentais, e se podemos falar do sentido de nossa história, de nossa vida. A modernidade nos apresentou o razão e o saber científico como os portadores de sentido para a existência humana na terra, mas a nossa experiência na contemporaneidade acerca de tal promessa é decepcionante.

O que deveria dar sentido à existência humana, a ameaça e a domina, e tolhe-lhe a liberdade (GILBERT, 2003, p. 39-42). “O nosso tempo fragmentado não mais é sentido Não há mais horizonte e nos faz viver em pleno niilismo.” (GILBERT, 2003, p. 42).

O niilismo é a perda dos valores tradicionais; é a dissolução dos princípios e critérios absolutos; é o questionamento dos fundamentos até a sua perda total. O niilismo indica que não há verdades, critérios absolutos e universais a guiar o homem, seu destino é da sua inteira responsabilidade, não há mais garantias. Reale inspirando-em Nietzsche e Heidegger, apresenta os valores da modernidade que foram absolutizados e que, posteriormente, foram postos em questão. Estes valores não mais asseguram o caminhar seguro do homem a sua plena realização, fazendo-nos ver a necessidade de encontrar o caminho da sabedoria como meio de superar os males que afligem homem de hoje (REALE, 1995, p. 15-26).

Reale (1995, p. 26-27) revela quais são os valores que se afirmaram como absolutos na modernidade e hoje foram postos em crise. O primeiro deles é o cientificismo, a partir do qual somente seria verdadeiro o dado concreto da realidade é que pode ser demonstrado, calculado e submetido e verificação experimental. Sendo assim a única forma de saber válido é o científico. E, verdadeiramente, a ciência mostrou sua força. A ciência atrelada à técnica se tornou a esperança para o progresso humano. Contudo, tal empreendimento foi questionado pelas pesquisas e descobertas da ciência contemporânea, que mostram a insuficiência do método científico e os limites de tal conhecimento da verdade acerca da natureza. “A ciência, portanto, tem sua limitação: não é omnicomprensiva, não pode responder a todos os problemas que são importantes para nós.” (REALE, 1995, p. 27-37).

A ciência moderna, enquanto ídolo da certeza cai por terra, e se torna incerteza e ameaça, ao invés, de porto seguro e esperança. Os limites do saber científico nos faz ver que este “não é, e nem pode ser um conhecimento absoluto”. Afirmar a ciência como absoluta seria cair no dogmatismo, uma vez que a constatação de seus limites nos indica que a ciência é apenas um saber entre outros saberes (REALE, 1995, p. 37-46). A racionalidade científica não consegue responder aos grandes questionamentos humanos, uma vez que a vida na sua complexidade não se reduz aos ditames da lógica, mas transcende, pois “o homem quando pensa a realidade e deseja encontrar respostas significativas às suas interrogações de fundo não pode fazer sem a metafísica [...] irrenunciável ao homem que pensa.” (REALE, 1995, p. 52-53). Uma vez que esta não é capaz de colocar a pergunta fundamental sobre o ser, sobre a essência das coisas.

Outro valor que se impôs como absoluto, critério de guia e realização humana foram as ideologias que se impuseram com força como um “conjunto de ideias que procura ocultar a sua própria origem nos interesses sociais de um grupo particular da sociedade”. Seria a racionalização de interesses particulares que estariam a serviço do poder, ocultando a verdade objetiva. As ideologias tanto capitalistas quanto comunista traziam em si a ilusória “esperança de vida superior àquela vivida pelo homem” e se apresentava como certeza, a certeza da salvação humana na terra (REALE, 1995, p. 55-62).

O perigo das ideologias estava no fato de conduzir as pessoas a aceitarem a ideia como verdadeira, aceitando como verdadeira acriticamente, deixando guiar-se por esta e por esta matar ou morrer. Seria como ter fé, não em Deus, mas no reino a ser criado pelo homem. Tal crença conduziu o homem ao caminho da destruição de si, terminando manipulado e dominado pela sua própria criação. Mais uma vez um ídolo moderno nos decepciona e nos faz ver a necessidade de colocar em questionamento tudo que se apresenta como verdadeiro e como promessa de felicidade e bem-estar. Aqui mais uma vez, a insuficiência da sabedoria moderna nos indica a necessidade da atitude crítica na busca da verdade. Um saber que não reflete corre o risco de cair dominado por si mesmo. Aqui, a exigência da sabedoria mais uma vez se faz presente (REALE, 1995, p. 62-69).

A mentalidade pragmática aliada à produtividade o pragmatismo, o produtivismo e a tecnologia também se impuseram como absolutos na modernidade, especialmente pela absolutização do fazer e do produzir, em detrimento do agir e do contemplar. Estes são um dos males que mais fortemente afligem ao homem de hoje. A partir de tal perspectiva o “verdadeiro é somente que se faz e o que se pode fazer”, isto é, verdadeiro é somente aquilo que pratico e que a técnica pode oferecer. “Todos os valores são absorvidos no fazer e no produzir”. Algo somente tem sentido se for útil, o sentido é reduzido ao que é útil, verdadeiro é o que é útil (REALE, 1995, p. 71). A partir dos valores do pragmatismo e da técnica, imaginava-se que a ciência seria capaz de criar o paraíso na terra, mas não foi isso que a humanidade experimentou no século XX. Todos somos hoje conscientes dos perigos do desenvolvimento tecnológico do que seria da sociedade governada a partir do utilitarismo. A mensagem que aprendemos de tudo isso, é que “o fazer pelo fazer, o produzir pelo produzir sempre mais se refere somente ao que é exterior: não preenche o homem, mas o esvazia”. Há que se pensar aqui que o caminho da reflexão e da contemplação não pode ser deixado de lado na construção do sentido da existência humana (REALE, 1995, p. 82).

O bem estar material também foi apresentado pela modernidade como um valor absoluto, fazendo-nos conceber a realização ou felicidade humana apenas no plano material do ter, do possuir e do consumir³. O que faz feliz o homem de

³ “O dinheiro abriu, para o homem singular, a chance à satisfação plena dos seus desejos numa distância muito mais próxima e mais cheia de tentações. Existe a possibilidade de ganhar, quase com um golpe só,

hoje é o bem-estar. O ser feliz ou auto-realizar-se são entendidos como consequências direta do fazer, do produzir, do possuir e, nos dias atuais, do consumo dos produtos feitos pela técnica. Tudo isso não passa de uma falsificação do que seja felicidade, pois a vida do homem não se reduz ao ter, porque o desejo de ter bens materiais não termina com a posse do que se deseja, uma vez que este é sempre incompleto busca-se mais, sempre mais, a satisfação e em tal na busca, corremos o risco perder nosso ser, ou melhor, a razão de ser. (REALE, 1995, p. 85-101). A felicidade não consiste em ter, não se reduz ao possuir, vai além, consiste no "ser", mas o modo de ser do homem, depende muito mais do modo como nos relacionamos com as coisas do que em possuí-las. (REALE, 1995, p. 97). Aqui, mais uma vez vemos o limite do mundo material para satisfazer os anseios mais profundos do homem e necessidade de transcendê-lo em busca de respostas.

Os avanços tecnológicos produzem a cada dia mais novidades, tornando rapidamente obsoletos tudo o que antes fora apresentado como novidade. A cada dia um novo aparato tecnológico é criado para substituir outros, tudo isso num curtíssimo espaço de tempo, alguém que se considera atualizado em tecnologia e pouco tempo pode encontrar-se desatualizado, se não acompanhar as novidades. De acordo com Bauman, tudo isso termina influenciando nossas ações e nosso modo de pensar e orienta não somente nossas decisões de consumo diante de uma variedade de novos produtos, mas também na nossa relação com as pessoas, demonstrando a fragilidade dos laços humanos, a flexibilidade com que são substituídos. Os relacionamentos passam a ser tratados como mercadoria, se há algum defeito, precisa ser trocada por outra, mas sem a garantia de que o novo produto será melhor (BAUMAN, 2004, p. 21- 22).

As redes sociais onde o homem moderno dedica parte do seu tempo de sua vida aos relacionamentos virtuais nos revelam um pouco acerca da fragilidade dos laços humanos. Se alguém não nos agrada bloqueamos, excluímos, tiramos de nossa vida. O nível de comprometimento na relação com os outros é cada vez mais baixo. A proximidade hoje não exige mais proximidade física, e a proximidade física não indica mais proximidade. Parece ingenuidade ou insensatez pensar que as redes sociais tenham tanta influencia na nossa concepção de amor, mas não podemos desconsiderar o dado de que nunca houve na história da humanidade tanta procura de relacionamentos com os outros como nos nossos dias, contudo tal desejo esconde também o nosso medo de amor verdadeiro e duradouro pelo outro, de fato nos responsabilizarmos pelo outro (BAUMAN, 2004).

Na sociedade marcada pelo pragmatismo, utilitarismo, imediatismo, individualismo e consumismo, o amor queda alterado como algo flexível, divergindo do seu significado original, que denota durabilidade, e perenidade e responsabilidade pelo outro (BAUMAN, 2004; SIMMEL, 2006). Precisamos nos dar conta do quão catastrófico será para a humanidade a relativização do amor. O vazio do amor pode significar a perda de referência que sustenta o equilíbrio da sociedade,

tudo que é desejável" (SIMMEL, 1998, p. 35). O dinheiro, então, seria um facilitador entre o homem e seus desejos.

a perda da solidariedade, da responsabilidade, do respeito para com o outro, afinal, nada é sólido, tudo é flexível e nem deve durar. A sociedade atual está criando uma nova ética do relacionamento em que os relacionamentos estão cada vez mais fragilizados e desumanizados. São seres humanos usando seres humanos, uma tragédia para a humanidade, pois “amar diz respeito à auto-sobrevivência humana através da alteridade.” (BAUMAN, p. 24)⁴. Aqui mais uma vez vemos a necessidade de pensar além da imanência e ir a procura dos valores mais altos que realizam a existência entre estes o amor, dado que o ser humano não se reduz apenas a sua dimensão biológica e social, é muito mais que isso.

Outra traço importante do niilismo na contemporaneidade, de acordo com Reale, é o individualismo. “Um dos grandes males contemporâneos consiste na redução massificada do homem a uma só dimensão.” (REALE, 1995, p 147). O pensamento moderno exaltou o valor do indivíduo no combate a toda a forma de poder arbitrário sobre o homem, afirmando sua liberdade frente a um grupo, à sociedade e ao Estado. Temos, assim, individualismo no sentido positivo, no qual se afirma indivíduo como princípio e como valor. Inicialmente, o problema foi o excesso do individualismo, quando reduziu o homem apenas a um aspecto do seu ser, firmando este como fundamento, como princípio orientador da realização humana.

Segundo Bauman (2001, p. 39) na modernidade o homem se torna autônomo do homem em relação à vida social. A realização do indivíduo se faz na busca dos seus próprios interesses, sem levar em conta a sua dependência da sociedade. Que liberdade pode ter o homem se não tem em conta a coletividade, da qual depende para existir e se realizar como pessoa? Que liberdade tem quando sua realização se faz apenas no âmbito do ter, do possuir, pisando e prejudicando os outros? O individualismo faz-nos perder o sentido do doar, do serviço, da gratuidade, nos faz perder o sentido do amor, nos torna escravos de nós mesmos, da lógica do sistema capitalista, na qual o ter se sobrepõe ao ser, terminamos manipulados pela mídia, pela tecnologia que passa a nos indicar o que pensar, o que falar e como agir. Trata-se, portanto, de um dos grandes males que ameaça a humanidade e do qual muitas vezes não nos damos conta, já que estamos totalmente tomados pela lógica do prazer, do ter, do consumo, do bem-estar. Mais uma vez se confirma que devemos ir além das aparências daquilo que nos é dado, e não se faz isso sem uma tomada de consciência profunda daquilo que realmente somos.

O niilismo seria a abolição de toda causa final, de toda representação de um universo ordenado, de um cosmos que reivindique a unidade de ordem como seu predicado fundamental. A ciência procurou negar a ideia de fim, afirmando o caos, mas é a própria ciência na contemporaneidade que nega tal pretensão. A teoria cosmológica contemporânea nos remete cada vez mais à nossa ligação com o cosmos, a um princípio cosmológico, e apresenta os limites da ciência em pensar

⁴ E assim o amor significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar; e também à carícia, ao afago e ao mimo, ou a – ciumentamente – guardar, cercar, encarcerar. Amar significa estar a serviço, colocar-se à disposição, aguardar a ordem. Mas também pode significar expropriar e assumir a responsabilidade (BAUMAN, 2004, p. 24).

acerca da origem, dos fundamentos, dos princípios do nosso mundo; não dá pra eliminar facilmente a figura de um criador do universo, fonte, origem e fundamento de nosso mundo.

A resposta ao problema de sentido das coisas particulares e do cosmos transcende as categorias científicas e nos coloca diante de uma dimensão misteriosa que envolve a nossa existência. Nos faz pensar na ideia de artífice, de uma inteligência suprema, a qual guarda as ideias supremas (os valores supremos), que agir e dar ordem a mundo caótico (REALE, 1995, p. 171-194). Muitos cientistas afirmam o caos e negam veemente a ideia de uma inteligência cósmica como princípio e fundamento do universo, “mas uma inteligência que nega a existência de outra inteligência seria na verdade inteligente?” (REALE, 1995, p. 195). Talvez a sabedoria antiga tenha ainda muito a nos ensinar acerca do sentido da existência humana, dado que é a própria ciência que traz de volta a temática esquecida.

O nosso tempo nos indica que tudo aquilo que a partir da modernidade foi colocado como fundamento, como fonte de sentido, se mostra insuficiente em responder aos anseios e perguntas mais profundas acerca da existência humana. A constatação é que não há mais sentido, “não há mais horizonte e que estamos a viver em pleno niilismo”. A causa final foi colocada em questão pelo pensamento técnico que submeteu o mundo a sua eficiência.” (GILBERT, 1995 p. 42). Para o pensamento moderno se tornou inútil a reflexão sobre o fim, sobre a causa final. “A crise de sentido é esta da finalidade que não vemos mais aparecer ao interno de nossas ações”. Tal crise nasce de uma tensão imanente ao ser do homem e nos faz colocar a pergunta fundamental acerca do sentido de nossa existência que não se resolve na imanência, mas nos abre à transcendência.

Propor a qualquer custo reduzir o sentido final numa determinação bem fixada seria atestar que a nossa vontade é mortífera, decisiva a limitar o seu horizonte às formas tranquilas de solidificação imanente. Isto seria apagar a esperança. A crise de sentido testemunha que no homem tem algo a mais que o homem. (GILBERT, 1995, p. 42).

A necessidade da sabedoria

O pensamento moderno terminou deixando de lado a sabedoria e assumindo como guia os valores do individualismo e do saber tecnocientífico. Acreditava-se que esta forma de saber poderia ser portadora de sentido para a existência humana, mas o que se constatou na contemporaneidade foi o limite de tal saber em conhecer seus objetos de estudo e insuficiência deste em trazer uma resposta satisfatória às grandes questões que desafiam a existência humana. Em tal contexto, a sabedoria não pode ser excluída ou tida como um saber de menor valor.

O homem precisa voltar-se para si mesmo, tomar distância de si mesmo para melhor se compreender e encontrar o caminho pleno da sua realização, uma vez que não podemos desconsiderar os limites do conhecimento e os possíveis enganos e ilusões que este pode nos trazer. De acordo com Morin, é preciso dar-nos conta de nossa condição de *homo sapiens-demens*. Não dá para tratar o homem apenas como *homo sapiens*, em pensar que este se guie apenas pela

razão, havemos de considerar também que a afetividade, as paixões, a maldade, o ódio podem cegá-lo. “O *homo sapiens* é também *homo demens*. Se pudéssemos dizer: somos 50% *sapiens* e 50% *demens* com uma fronteira no meio. Isso seria muito bom.” (MORIN, 1999, p. 56-57).

O *homo sapiens* é capaz de realizar muitas coisas boas, mas o *homo demens* é proporcionalmente capaz de realizar coisas más. Neste sentido é muito difícil traçar um limite entre a razão e a loucura. Aqui, de acordo com Morin, vem a pergunta fundamental que nos ajuda a resgatar o sentido da sabedoria em nosso mundo contemporâneo. De acordo com Morin;

Não existe nenhum critério racional para defini-la. No limite, pode-se perguntar se comer e viver de modo sadio, não correr riscos, nunca ultrapassar a dosagem prescrita significam realmente viver, ou melhor, se a via racional não é uma vida demente. Não é loucura pretender erradicar nossa loucura? A vida comporta um mínimo de desperdício, gratuidade, “consumação” (Bataille), desrazão. Castoriadis disse: “O homem é este animal louco cuja loucura inventou a razão. (MORIN, 1999, p. 59).

Para nos aproximarmos do sentido que virá a ser sabedoria convém fazermos a distinção entre racionalidade e racionalização. A racionalidade vai em busca e verifica a correspondência entre o objeto e o discurso e a racionalização fecha, apreende o objeto em sua própria lógica (MORIN, 1999, p 59). A racionalização seria uma forma de delírio no qual se procura reduzir o real à lógica de pensamento, já a racionalidade é mais aberta, não pretende reduzir a realidade a um esquema mental, é consciente dos seus limites. Assim, nos recorda Morin:

A razão do Iluminismo se apresenta sob uma forma extraordinária ambivalente: de um lado, o espírito crítico, cético, autocrítico da racionalidade (Voltaire, Diderot); de outro, a racionalização que conduz à deusa Razão, a quem Robespierre dedicou um culto. (MORIN, 1999, p. 60)⁵.

A razão é quem guia os nossos passos, devemos, portanto, estar conscientes dos riscos que corremos quando a razão entra em delírio. Aqui se faz necessário admitir que a “racionalidade não seja somente crítica, mas autocrítica.” (MORIN, 1999, p. 61).

Racionalidade compreende os seus próprios limites e acolhe os mistérios do mundo, pois sabe que há coisas que excedem o espírito humano, dado que a vida, a realidade, não está totalmente à disposição da nossa mente para ser entendida e dominada. Viver segundo a razão nos coloca no caminho da sabedoria, nos coloca diante do questionamento que a razão pode ser nossa guia no mundo, mas que “deveríamos estar inquietos a respeito do caráter desnacionalizável desta

⁵ “Depois de Marx e Freud, não podemos mais aceitar a ideia de uma razão soberana, livre de condicionamentos materiais e psíquicos. Depois de Weber, não há como ignorar a diferença entre uma razão substantiva, capaz de pensar fins e valores, e uma razão instrumental, cuja competência se esgota no ajustamento de meios e fins. Depois de Adorno, não é possível escamotear o lado repressivo da razão, a serviço de uma astúcia imemorial, de um projeto imemorial de dominação da natureza e sobre os homens. Depois de Foucault, não é lícito fechar os olhos ao entrelaçamento do saber e do poder. Precisamos de um racionalismo novo, fundado numa nova razão” (ROUANET, 1987, p. 12).

razão” (MORIN, 1999, p. 63). De acordo com Morin, a sabedoria se traduziria no esforço da autoética.

A auto ética implica inicialmente evitar a baixesa, evitar ceder às pulsões vingativas e maldosas. Isto supõe muita auto-crítica, autoexame e aceitação da crítica do outro [...] A autoética é, antes de mais nada, uma ética da compreensão. (MORIN, 1999, p. 65-66).

Morin (1999, p. 67-68) também nos alerta que, além de compreendermos a nós mesmos como sujeitos humanos, devemos compreender que as condições e circunstâncias históricas podem nos conduzir a derivas fatais. A sabedoria implica em saber distanciar-nos de si mesmos, em “sabermos objetivar-se”, descobrir-se e examinar-se e também aprender a aceitar-se, consiste em aprender a refletir. “Refletir é ensaiar, e uma vez que foi possível contextualizar, compreender, ver qual pode ser o sentido, quais podem ser as perspectivas”, implica em compreender (MORIN, 1999, p.68-69).

O sábio é aquele que entende que o conhecimento é complexo, e que conhecer a totalidade é uma tarefa impossível; é aquele que assume a dialógica humana do *homo sapiens-demens*, que aceita também que é “loucura viver muito sabiamente”, que não há regras absolutas a nos guiar, que o caminho é a autoética, o “autoexame que comporta a autocrítica e que se esforça em reconhecer a mentira para si próprio.” (MORIN, 1999, p. 71-72).

O retorno à sabedoria

Retomemos aqui a proposição inicial que nos foi oferecida por Aristóteles, na qual o saber, originariamente, se constitui no desejo mais profundo do homem. “Todo homem deseja saber”, não um saber qualquer, mas um saber certo e seguro. Tal desejo nos impulsiona na aventura do conhecimento. Desejamos a verdade e nos movemos em sua busca. A etimologia do termo saber se refere a sabor, o gosto pelo saber, alude ao bom senso, ao saber fazer com prazer e com discernimento, capaz de apreciar as circunstâncias. Trata-se de uma expressão que tem não somente um sentido estético, mas, sobretudo, ético (GILBERT, 1995, p. 299).

O saber está ligado à capacidade de discernir, ponderar, distinguir o verdadeiro do falso, o real e a aparência, e ir a essência. “Sabemos algo plenamente quando, além de saber ‘o que é’, sabemos ‘por que é’ ” (ZUBIRI, 66). Ainda de acordo com Zubiri:

somente a interna articulação do “que é” torna possível uma ciência *sensu stricto* que nos diga o que as coisas são. Então é quando a ideias adquire, com plenitude, a característica de “ser constitutivo” da coisa. A questão acerca do que as coisas são fica assim vinculada definitivamente à questão acerca da ideia [...] a partir deste momento, em efeito, o saber humano vai ser uma busca desenfreada para conquistar ideias (ZUBIRI, 67).

Na busca pela verdade, não podemos deixar de levar em consideração os limites e as possibilidades do conhecimento, dado que este não consegue apre-

ender o real na sua totalidade e, além do mais, sabe-se que em tal processo está presente o sujeito que conhece.

Diante dos limites do nosso conhecimento, vemos a necessidade da reflexividade, da autocrítica, pois “não somos apenas possuidores de ideias, mas somos também por elas possuídos, capazes de morrer ou matar por uma ideia.” (MORIN, p. 31). Conhecer é uma atividade que comporta sempre a possibilidade do erro e da ilusão. De acordo com Morin,

o maior erro seria subestimar o problema do erro, a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão. O reconhecimento do erro e da ilusão é ainda mais difícil, porque o erro e a ilusão não se reconhecem, em absolutos como tais. (MORIN, 2000, p. 31).

Não podemos deixar de considerar também as cegueiras paradigmáticas que condicionam nosso modo de pensar e agir no mundo. Não estamos imunes das interferências da mitologia, religiões, ideologias e teorias também susceptíveis ao erro. A questão da busca da verdade se torna problemática quando começamos a pensar acerca do erro e da ilusão. Sendo assim, a aventura em busca da verdade não pode prescindir da atitude reflexiva, da autocrítica. Só uma razão aberta, consciente de seus limites e insuficiências, pode vigiar a si mesma e dialogar com o real, que por esta não se deixa apropriar na totalidade (MORIN, 2000, p. 22).

A verdadeira sabedoria deve aprender a lidar com a incerteza, foi isto que aprendemos com as descobertas científicas do século XX. Não há um saber absoluto sobre as coisas; conhecemos em parte, não dominamos o todo sozinhos. A realidade é complexa, não se reduz à simplicidade, seu domínio é apenas o nosso desejo. Há que se pensar também que não poderemos conhecer tudo e que ainda nos restarão enigmas a serem desvendados e mistérios a nos deslumbrar, maravilhar e nos incitar a curiosidade.

O homem sábio é consciente dos limites e ambivalências do seu conhecimento, sabe que a fronteira entre a sabedoria e a loucura é tênue, por isso mantêm-se na postura reflexiva, não de que é possuidor da verdade, mas que está em busca. O homem sábio é o amante da sabedoria que a busca sem cessar, sem jamais possuí-la por completo. Aqui recordamos o que nos diz o professor Gilbert (1988, p. 114-115):

A inteligência é seduzida por uma presença que jamais se pronuncia verdadeira a fecunda liberdade [...]. A metafísica toca aqui sua extremidade além da qual não é capaz de ir, pois todas as suas palavras se tornam silêncio [...] a medida da prudência intelectual e o amor e o reconhecimento pelo dom de compreender o incompreensível e sua bondade.

Outro dado a ser considerado no caminho do entendimento do que seja a sabedoria é de que esta não se reduz apenas à questão da reflexividade, da autocrítica e da vigilância acerca do nosso modo de conhecimento, mas é também um caminhar em direção ao transcendente; a existência humana não se reduz apenas a imanência, mas também se alimenta dos mistérios, dos princípios e dos fundamentos metafísicos.

Vimos que a perspectiva de um saber fundamentado no “eu” como desenvolvido na Idade Moderna e do qual decorrem os valores do individualismo e a prepotência de um saber tecnocientífico que se firma como único saber válido e exclui outras formas de saber trouxeram inúmeros benefícios para humanidade, libertando-a das tiranias, das superstições, das ilusões metafísicas, das falsas crenças, concedendo-lhes uma série de direitos que permitem sua realização, contudo, trouxe também uma série de problemas para a humanidade.

O individualismo e saber tecnocientífico absolutizados terminaram derrubando a ideia de transcendência enquanto possibilidade de realização humana, colocando tal possibilidade na imanência. Contudo tal intento nos trouxe o vazio, o niilismo, a perda total de referência e valores. Guiar-se a partir de critérios puramente imanente é insuficiente, o homem termina amarrado em si mesmo, perdendo-se numa série de possibilidades escolhas, sem nenhuma segurança diante da qual seria a mais acertada. Voltamos à estaca zero do conhecimento humano, mais uma vez perdido diante de um mundo hostil e ameaçador, no qual a sobrevivência implica em saber escolher o caminho certo; errar significa deixar de existir. O niilismo nos diz que estamos no vazio, engolidos pela nossa própria fome e totalmente perdidos.

Não se trata agora de voltar ao passado e desconsiderar tudo o que foi conquistado com muito sacrifício da humanidade. Não se trata de eleger algum fundamento, adotar alguns princípios importados de alguma filosofia ou de alguma religião para se sentir seguro. Este seria um passo errado, um passo em falso, pois o que aprendemos foi que não podemos confiar em nada que se apresente como absoluto e inquestionável, uma vez que o nosso acesso à realidade se faz mediante o conhecimento do mundo, cuja verdade em si não nos é dada por inteiro. O desafio é encontrar o fundamento, sem absolutizá-lo.

Voltamos ao desafio inicial da humanidade: sobreviver e encontrar o sentido de viver em um mundo que lhe é hostil, desta vez com a consciência de que não estamos reduzidos a apenas uma dimensão da nossa existência, somos seres biológicos e sociais, mas também somos seres “faltantes” e “desejantes”, o que nos coloca numa perspectiva de realização além da imanência. O homem é o único ser capaz de desvelar o próprio ser, e em tal processo descobre que não está só, nem pode estar só, precisa sair da imanência, lançar-se ao totalmente outro que não se assemelha a si.

Algumas perguntas importantes e significativas para a existência humana não podem ser respondidas pelo homem a partir de si mesmo, dado que este não é autossuficiente, muito menos pode ser encontrada a partir da lógica do saber tecnocientífico. São questões acerca do começo e do fim: Qual a origem de tudo? De onde vim? O que é a vida? Qual o caminho para vivê-la plenamente? Para que viver? Qual o sentido da vida? E a morte, o que é? É o fim ou começo? São perguntas que nos inquietam, e sem procurar respondê-las não se pode viver em paz, plenamente como homem, como ser racional que pensa sobre si mesmo. Somente quem renuncia a si mesmo como homem é que não poria estas perguntas e não perseguiria esta resposta, Mas isto é impossível acontecer, fica dentro de nós o anseio da resposta a nos inquietar; onde fugir da pergunta e não procurar a resposta já é uma forma de responder.

A resposta a estas perguntas não se restringe a um único campo do conhecimento humano, mas está aberta a todos, inclusive, à metafísica, cujo valor foi colocado em questão na modernidade. De acordo Gilbert (1992, p 10-11):

A razão não é só um atividade de conhecimento objetivo; essa é mais do entendimento que preside a nossas construções científicas; se enraíza em um desejo que vai além de nosso conhecimento determinado.

Ainda de acordo o autor citado,

A Metafísica Tende Em Direção A Um Principio Que Confirma O Conhecimento Além De Si Mesmo, Que Não É Objeto Do Conhecimento, Mas O Horizonte Desejável De Um Dinamismo Exercitado Na Prática Concreta Do Conhecimento. (1992, p. 11).

Havemos que considerar a transcendência como horizonte no qual pode estar o fundamento de nosso conhecimento, uma vez que “nós não conhecemos nada se não o precisarmos em nossa experiência ou o determinamos para torná-la inteligível.” (GILBERT, 1992, p. 11). Havemos que pensar, portanto em algum princípio transcendente. Trata-se de buscar a realidade do bem que se doa; não se trata de apropriar-se deste, mas de buscá-lo com empenho, sabendo que a “razão é mais que o conhecimento de uma ciência, mas abertura e obediência a transcendência.” (GILBERT, 1992, p 12).

A relação do homem com o mundo a partir do conhecimento é transcendente, pois o mesmo não cabe todo na sua cabeça. Este não pode ser dominado, apreendido pela razão, pelo contrário, além de não se deixar prender em categorias racionais, ainda nos coloca, diante de uma imensidão de possibilidades de ser conhecido. Neste ponto, o homem descobre a transcendência, quer dizer, tem algo que ultrapassa o seu domínio e deve ser considerado como uma realidade. A transcendência nos coloca numa posição de abertura originária a um totalmente outro e como condição de possibilidade de conhecimento acerca de nós mesmos e o mundo em que vivemos. Sendo assim, não dá para a excluir que o cosmos, a natureza e Deus tenham algo a nos dizer. Tudo pode ser incluído como fundamento e critério de nossas escolhas, que irão possibilitar a nossa sobrevivência biológica, social e também a nossa realização enquanto ser espiritual.

A transcendência assim entendida não pode ser excluída na busca incessante e desejosa do homem pelo saber certo e seguro que possa guiar sua vida rumo à plena realização, pois o homem não está reduzido à imanência, como também não é um anjo, a viver e se realizar num mundo transcendente. Há que se levar em consideração estas duas dimensões da existência humana. Nosso grande erro enquanto humanidade foi o de absolutizar uma destas dimensões e separá-las uma da outra.

O verdadeiro caminho da sabedoria, do saber pertinente à existência humana não pode deixar de considerar como guia tanto os valores da imanência quanto os valores da transcendência. Não somos seres unidimensionais, a resposta que irá satisfazer o nosso ser e realizá-lo enquanto tal é o fundamento, os princípios no dia-

logo entre imanência e a transcendência, e aqui nada pode ser posto fora, nem o biológico, nem o social, nem a natureza, nem o cosmos e muito menos Deus, horizonte último da existência humana, mesmo que eu não creia nele.

Conclusão

O conhecimento pertinente para o homem de hoje é a sabedoria, um saber que não se resume na posse ou no domínio de um conteúdo assimilado pela razão, mas um saber capaz de usar o que foi apreendido em favor da vida humana, da plena realização. Trata-se de um saber que não se esgota, que não se fecha em categorias ou dogmas, não se fecha num reducionismo epistemológico, mas é aberto às dimensões imanentes e transcendentais intrínsecas ao ser humano. A sabedoria é, na verdade, uma atitude reflexiva, de autocrítica, de autoética a discernir o melhor caminho, não somente para sobreviver, mas para se realizar plenamente como ser humano.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. *La sagesza dela vita: Ogni giorno la ricerca dela felicita*. Milano: RCSLibri, 2002.
- AQUINO, T. *Suma Teológica*, v. IV. São Paulo: Loyola, 2005.
- ARIÉS, P. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.
- ARISTÓTELES, *Metafísica*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- _____. *Ética a Nicômaco: Poética: Aristóteles*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991 (Os pensadores).
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade do laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2004.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001.
- CASTELS, R. *Le methamórphoses de la question contemporaine*. Paris: Fayard, 1995.
- DESCARTES. *Carta-Prefácio dos Princípios da Filosofia*. Apresentação e notas de Denis Moreau. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.
- FORTIN, R. *Compreende la complexité*. Introduction à La Méthode d'Edgar Morin. Paris: Presses Université Laval, 2000.
- GILBERT, P. *La semplicità del principio: introduzione ala metafisica*. Casale Monferrato: Piemme, 1992.
- _____. *Le ragione dela sapienza*. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2010.
- HAMELIN, Guy. O sábio estóico possui o discernimento aristotélico? *Archai: Revista De Estudos Sobre As Origens Do Pensamento Ocidental*, n. 4, p. 93-100, 2010.

MORATÓ, J.C; RIU, A. M. *Diccionario de Filosofia en CD-ROM*. Barcelona: Herder, 1996.

MORIN, E. *Amore, Poesia, Sagesza*. Roma: Armando Editore, 1999.

_____. *O Método 4: As ideias, habitat, vida, costumes, organizações*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. *Sete saberes necessários a educação do futuro*, 2000.

PLATÃO. *Diálogos: Platão*. 5. ed. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores).

REALE, G. *Sagezza antica: terapia per i mali dell'uomo d'oggi*. Milano: Raffaello Cortina, 1995.

ROUANET, S. P. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LEOPOLDO, F. *et al.* Sobre a noção de sabedoria em Descartes. *Analytica. Revista de Filosofia*, v. 2, n. 2, p. 219-233, 2013.

SIMMEL. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2006.

VERNEAUX, R. *Textos de los grandes filósofos: edad antigua*. Barcelona: Herder, 1982.